



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MATEUS RAFAEL UCHÔA DANTAS**

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO CONTEXTO  
DE MORTE CAUSADA PELO COVID-19**

**CAMPINA GRANDE  
2021**

MATEUS RAFAEL UCHÔA DANTAS

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO CONTEXTO  
DE MORTE CAUSADA PELO COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Orientadora:** Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto

**CAMPINA GRANDE  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192i Dantas, Mateus Rafael Uchôa.  
Impactos psicológicos em profissionais de saúde no contexto de morte causada pelo Covid-19 [manuscrito] / Mateus Rafael Uchoa Dantas. - 2021.  
24 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto ,  
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Profissionais da saúde. 2. Saúde mental. 3. Morte. 4. Psicanálise. I. Título

21. ed. CDD 155.937

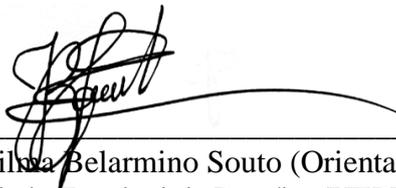
MATEUS RAFAEL UCHÔA DANTAS

IMPACTOS PSICOLÓGICOS EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO CONTEXTO DE MORTE CAUSADA PELO COVID-19

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Aprovado em: 05/10/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



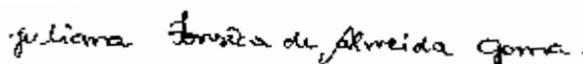
---

Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Juliana Fonsêca de Almeida Gama  
Centro Universitário Facisa (Unifacisa)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 O contexto da morte e as invenções (im)possíveis.....</b>	<b>7</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>12</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>13</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>
<b>APÊNDICE A - Questões inseridas no formulário eletrônico.....</b>	<b>23</b>

## IMPACTOS PSICOLÓGICOS EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO CONTEXTO DE MORTE CAUSADA PELO COVID-19

Mateus Rafael Uchôa Dantas<sup>1</sup>

### RESUMO

Sigmund Freud aborda a temática da morte a partir da perspectiva de que não existe inscrição psíquica vinculada à morte no inconsciente. Através dessa afirmação, destaca-se a dificuldade do ser humano em encarar a própria finitude e a de pessoas amadas, enfatizando os impactos psicológicos quando inseridos em um contexto de maior exposição à morte, como na rotina laboral em hospitais durante a pandemia do Covid-19. Este cenário direciona o profissional de saúde a se colocar em uma situação de maior vulnerabilidade em relação à morte e demanda maior suporte do profissional aos pacientes que não têm o apoio familiar presencial durante o tratamento hospitalar. Nesse sentido, diante dos múltiplos desafios encontrados no âmbito da saúde no enfrentamento da pandemia, executamos uma pesquisa com objetivo de analisar os impactos psicológicos em profissionais da saúde no contexto de morte causada pelo Covid-19, e como as atividades laborais e a própria saúde mental foram afetadas. Desse modo, este artigo se configura como um relato de pesquisa de campo, de base qualitativa, desenvolvida de forma virtual através de formulário eletrônico com profissionais de saúde do Hospital Universitário Lauro Wanderley, situado em João Pessoa – Paraíba. A análise do discurso foi realizada à luz da Psicanálise em Freud e Lacan, que privilegia a repetição significativa presente no discurso dos sujeitos, destacando os sentidos construídos no deslizamento metonímico. Os resultados abordaram as mudanças experienciadas em função da pandemia, a instabilidade emocional, as barreiras na formação acadêmica para lidar com a morte e a importância do uso de estratégias para o enfrentamento da nova rotina laboral. Desse modo, o artigo produziu reflexões embasadas na Psicanálise que são relevantes para a elaboração de trabalhos na área de saúde mental e de alternativas de suporte psicológico para profissionais de saúde frente à morte em seu contexto laboral.

**Palavras-chave:** Morte. Profissionais de saúde. Covid-19. Psicanálise.

### ABSTRACT

Sigmund Freud approaches the theme of death from the perspective that there is no psychic inscription linked to death in the unconscious. Through this statement, the human being's difficulty to face his own finitude and that of loved ones is highlighted, and the psychological impacts are emphasized when they are inserted in a context of high exposure to death, such as the work routine in hospitals during the Covid-19 pandemic. This scenario drives health professionals to put themselves in a situation of greater vulnerability in relation to death and it demands greater support from the professionals to patients who do not have the face-to-face familiar support during the hospital treatment. In this sense, given the multiple challenges in the health field in dealing with the pandemic, we did a survey with the goal of analyze the psychological impacts on health professionals in the context of death caused by Covid-19, and how the work activities and mental health were affected. Thus, this article consists of a field

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. mateus.dantas@aluno.uepb.edu.br

research report, with a qualitative basis, developed virtually through an electronic form with health professionals from the Lauro Wanderley University Hospital, located in João Pessoa – Paraíba. Discourse analysis was carried out in the light of Psychoanalysis in Freud and Lacan, which privileges the significant repetition present in the subjects' discourse, emphasizing the build senses through the metonymic slippage. The results addressed the changes experienced due to the pandemic, emotional instability, barriers in education to deal with death, and the importance of using strategies to deal with the new work routine. Thus, this article produced reflections based on Psychoanalysis that are relevant to the development of further research in the mental health field and alternatives of psychological support for health professionals in the face of death in their work context.

**Keywords:** Death. Health professionals. Covid-19. Psychoanalysis.

## 1 INTRODUÇÃO

Sigmund Freud, fundador da Psicanálise, aborda a temática da morte a partir da perspectiva de que não existe inscrição psíquica vinculada à morte no inconsciente (FREUD, [1913] 1990, p. 99). Através dessa afirmação, destaca-se a dificuldade do ser humano em encarar a própria finitude e a de pessoas amadas, enfatizando os impactos psicológicos quando inseridos em um contexto de maior exposição a morte. Por conseguinte, essa questão se torna ainda mais alarmante quando se vivencia uma rotina laboral caracterizada pelo acréscimo exacerbado de mortes em decorrência da pandemia ocasionada pelo Covid-19.

O ano de 2020 foi marcado pela disseminação do novo coronavírus (SARS-CoV-2) de maneira inédita, rápida e progressiva, causando diversas dúvidas sobre as complicações provenientes do vírus. Após seu surgimento na China, na cidade de Wuhan, a doença se alastrou pelo mundo devido a sua elevada potência de transmissão, sendo denominada como pandemia em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OPAS, 2021).

Atualmente, de acordo com o painel global produzido pela Organização Mundial da Saúde, o Brasil ocupa o terceiro lugar referente ao número de diagnósticos positivos e a segunda posição em relação às mortes causadas pelo novo coronavírus. Dessa forma, constata-se que a transmissão no Brasil atingiu mais 21 milhões de pessoas, aproximando-se do lamentável registro de 600 mil mortes no país (OMS, 2021).

Por seu caráter desconhecido, foi necessária uma busca mundial para compreender melhor sobre a doença, produzindo muitas investigações sobre o funcionamento do vírus com o intuito de combatê-lo de forma eficaz. Nesse sentido, através das pesquisas, foi possível estabelecer medidas de proteção com o objetivo de romper a cadeia de transmissão e, por conseguinte, diminuir as mortes causadas pelo Covid-19.

Sendo assim, a dita normalidade foi interrompida pela inserção do vírus e devido a sua potência de contágio o distanciamento social se mostrou como a principal via de prevenção.

Desse modo, foi preciso vivenciar diversas mudanças na lógica de se relacionar com o mundo e conviver socialmente, ocasionando rupturas em razão da paralisação de muitas atividades do cotidiano.

O risco eminente de contaminação e o encontro com perdas imprevisíveis impostas pela doença geram mal-estar e desamparo diante da dificuldade em encarar a vulnerabilidade do corpo e, conseqüentemente, a morte, causando sentimentos de medo e angústia. Dessa maneira, o novo coronavírus escancara a fragilidade do ser humano, impondo limites, privações e mudanças na lógica do cotidiano (DROGUETT, 2020).

Vale ressaltar que em muitas culturas, incluindo a ocidental, a temática da morte é evitada, sendo considerada um tabu social permeado por diversas incógnitas, embora seja um episódio inevitável e conhecido como o fim de todo ciclo de vida (DASTUR, 2002). Ademais, o contexto socioeconômico contemporâneo é guiado por uma lógica capitalista que preza pelo imediato e pelo consumo, tendo como premissa que tudo é possível e permitido (DROGUETT, 2020). Em contrapartida, o vírus impõe perdas e exige distanciamento social, restrições e transformações na forma de viver em uma sociedade de excessos, gerando angústia e sofrimento.

As perdas estão para todos, visto que não é possível manter o convívio com o mundo e com os outros como antes e isso implica na elaboração de diferentes lutos (SOUZA, 2020). Diante disso, surgem incertezas para os que seguem o isolamento, como também para os que fazem trabalhos essenciais, como no caso dos profissionais de saúde que arriscam a vida para contribuir com o tratamento dos acometidos por Covid-19.

Além do profissional de saúde se encontrar em uma realidade laboral representada por um contexto de morte, vale ressaltar que o tratamento hospitalar do Covid-19 demanda maior suporte profissional, uma vez que, para evitar novas transmissões, o paciente não pode contar com o apoio familiar de forma presencial. Nesse sentido, são evidentes os múltiplos desafios encontrados na atuação do profissional de saúde durante a pandemia, sendo necessário refletir sobre a preparação e formação, para além do saber técnico, e os recursos que esses sujeitos praticam para se sustentar e seguir contribuindo com sua função.

O presente artigo se trata do relato de uma Pesquisa de Iniciação Científica, de base qualitativa, que se sustentou pelo referencial teórico da Psicanálise em Freud e Lacan. Considerando-se as reações singulares dos profissionais da saúde, por meio da análise de discurso, objetivou-se analisar os impactos psicológicos em profissionais de saúde diante da morte, e como as atividades laborais e a própria saúde mental foram afetadas em virtude do cenário pandêmico.

A pesquisa discute como esse contexto de morte tem causado intenso sentimento de desamparo perante as diversas perdas e lutos. Dessa maneira, os participantes da pesquisa foram convidados a expressarem suas experiências acerca do enfrentamento na linha de frente da pandemia, observando qual a posição desses profissionais diante da morte. Portanto, o artigo destaca sua relevância ao promover reflexões sobre as repercussões psicológicas em profissionais de saúde, evidenciando a importância de práticas e recursos que funcionam como suporte psicológico para esses sujeitos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O contexto da morte e as invenções (im)possíveis**

A realidade considerada “normal”, ou seja, anterior à propagação do Covid-19, foi substituída pelo advento de outra que abrange incertezas e instabilidades, constituindo um período traumático que demanda a construção de arranjos subjetivos para suportar o intolerável que vem do nível do real. Dessa forma, a pandemia ocasionada por um vírus desconhecido causa diversas reações, incluindo a mais temida: a morte, o que elucida o cunho traumático desse período (SABOYA, et al., 2020).

Os modos como os seres humanos reagem à morte refletem aspectos da sua cultura, sendo assim, as aflições relacionadas à essa temática também se transformam de acordo com a sua época (DASTUR, 2002). Nesse sentido, é importante destacar o contexto em que a representação da morte se insere, visto que sua manifestação provoca diversos impactos no modo de existir do sujeito.

A morte carrega representações que sinalizam interpretações construídas de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural. Vale ressaltar que durante o século XX o avanço do saber técnico da medicina e as ações de prevenção voltadas à saúde possibilitaram o declínio da mortalidade, afastando, de certa forma, a presença da morte no cotidiano. Dessa forma, o processo de morrer passou por mudanças que ocasionaram novas leituras no modo que é interpretada e, conseqüentemente, influenciando na maneira que é enfrentada (BORGES; MENDES, 2012).

As modificações sociais em lidar sobre essa temática repercutem também na produção de debates que abordem a morte como parte dos currículos acadêmicos na formação dos profissionais de saúde. Esse afastamento reflete na produção de saber no âmbito da saúde, uma vez que a morte tem sido ignorada, abordada apenas pela perspectiva técnica. Dessa forma, não abrangem discussões acerca do aspecto subjetivo que envolve a temática da morte, produzindo

falhas na preparação teórica e prática, visto que a ideia da manutenção da vida se coloca de maneira dominante, abrindo margem para a concepção da morte como um fracasso (KUBLER-ROSS E, 1969 *apud* BORGES; MENDES, 2012).

Em contrapartida, com o agravamento da pandemia e a precariedade das condições de trabalho para o tratamento hospitalar intensifica o contexto de morte no âmbito de saúde. Por conseguinte, a atuação dos profissionais de saúde em situação pandêmica é atravessada por medos, ameaça de contaminação, pressão para desempenhar sua função, além do encontro com as perdas causadas pelo Covid-19 (TEIXEIRA, et al., 2020). Compreende-se que tais fatores produzem incertezas e angústias atreladas ao cenário de mortes, demandando um movimento para além do saber técnico.

Diante dessa nova realidade, se produz uma maior exposição ao risco de adoecer e, por conseguinte, se deparar com a própria finitude. Nesse sentido, o narcisismo do sujeito é afetado diante da possibilidade do abatimento do corpo, da perda da saúde e, conseqüentemente, iminência da morte; a Psicanálise atenta às saídas singulares que cada sujeito realiza na presença do desamparo (SABOYA, et al., 2020).

Vale salientar que a pandemia no Brasil deve ser considerada uma crise não apenas sanitária, mas também política, visto que as ações tomadas pelos representantes políticos afetam diretamente no controle e combate do novo coronavírus. Sendo assim, torna-se importante destacar que muitas ações do Governo Federal brasileiro, representado por Jair Bolsonaro **contrariaram orientações científicas** para o enfrentamento do Covid-19, atuando de maneira negligente perante a seriedade da situação e provocando dúvidas acerca da gravidade da pandemia, o que afeta no comportamento da população para combater o vírus de forma coletiva (RAFAEL, et al., 2020).

A crise política no país também se apresenta diante dos desentendimentos entre a Federação e os Estados no que diz respeito ao modelo de enfrentamento do Covid-19. Outro elemento que enfatiza esse problema foram as constantes modificações no cargo de Ministro da Saúde, função de extrema importância para a efetivação de ações que visem o controle da pandemia (NABUCO, et al., 2020).

Sendo assim, a população presencia esse confronto político-institucional que gera desinformação e dificulta a prática de uma comunicação esclarecedora que promova segurança e conscientização ao apresentar dados científicos através de uma linguagem simples e objetiva. Dessa forma, o governo demonstra incompetência em relação a coordenação de medidas de ações que visem a defesa da saúde dos brasileiros, agravando o cenário de crise e, possivelmente, aumentando os sintomas de ansiedade (NABUCO, et al., 2020).

Fatores como o descumprimento das medidas de proteção, a permanência do tráfego entre fronteiras e a lentidão na campanha de vacinação intensificaram a transmissão do Covid-19, ocasionando a circulação de novas variantes do vírus no país. Desse modo, a intensa difusão do novo coronavírus causa o aumento de casos e, por consequência, pressiona o sistema de saúde devido à elevação na demanda de internações para tratamento. Assim, reforçando o cenário de crises representado por um período de colapsos no âmbito de saúde, no qual grande parte do Brasil permaneceu na zona de alerta (Fiocruz, 2021).

O funcionamento do novo coronavírus questiona a racionalidade neoliberal que defende a ideia da autossuficiência, uma vez que somente o dinheiro e a tecnologia são incapazes de conter o avanço da pandemia (ALMEIDA, 2020). Assim, torna-se importante salientar que a constituição subjetiva do sujeito, para a psicanálise, é construída através do encontro com o Outro por meio da linguagem (TOREZAN & AGUIAR, 2011). Sendo assim, a pandemia se opõe ao raciocínio de onipotência e destaca essa condição originária quando convoca a contribuição de todos para o controle do Covid-19, seja no seguimento dos protocolos de segurança, na atuação dos profissionais de saúde, nas investigações dos pesquisadores, na produção de vacina, no fortalecimento de políticas públicas, dentre outros aspectos que destacam a coletividade como fator fundamental para o enfrentamento da pandemia.

O isolamento social como importante medida de proteção fez com que a palavra e a imagem procurassem amparo, perante a impossibilidade da presença corporal, através dos recursos digitais que viabilizam a comunicação. Embora os avanços tecnológicos possibilitem estar presente de outras formas, o corpo não pode estar em contato com outros, limitando as possibilidades dos corpos, mesmo os que não tenham contraído o vírus (SOUZA, 2020).

Desse modo, apesar da urgência de distanciamento, essa nova realidade revela a importância do fortalecimento dos laços sociais para enfrentar um inimigo invisível que afeta a todos de alguma maneira, apresentando constante ameaça (DROGUETT, 2020). Portanto, para que o combate ao Covid-19 seja efetivo, é necessário o fortalecimento do laço com o outro ao mesmo tempo que implica a separação dos corpos (SOUZA, 2020).

Atualmente a vacinação se apresenta como medida mais eficaz para o enfrentamento do novo coronavírus, demonstrando resultados positivos na diminuição de mortes. Entretanto, enfatiza-se a importância da manutenção de restrições de atividades devido às mutações que o vírus realiza, assim, combatendo a circulação de novas variantes do Covid-19 que reforcem o contínuo crescimento de casos e a permanência da doença no país (FIOCRUZ, 2021).

Nesse sentido, vale ressaltar que após aproximadamente dois anos do seu surgimento, o vírus segue trazendo surpresas no que diz respeito ao seu funcionamento com a produção de

novas variantes. Além dos imensuráveis impactos na área da saúde mental por vivenciar uma pandemia durante um período considerável que ainda não se tem data de término.

Sendo assim, não se sabe a dimensão dos impactos psicológicos causados pelo Covid-19, uma vez que a pandemia ainda não finalizou e demandará tempo, estudos, pesquisas e discussões sobre a temática. Ademais, de acordo com experiências similares de epidemias e calamidades, considera-se que nessas situações o adoecimento psíquico é iminente e tende a exceder a morbidade referente à doença (NABUCO, et al., 2020). Dessa forma, destaco a relevância do presente trabalho em provocar reflexões na área de saúde mental e na construção de alternativas de apoio psicológico que contribuam para a elaboração dos impactos subjetivos provenientes da situação pandêmica.

Situações de crises potencializam o sofrimento psíquico, demonstrado no desenvolvimento de novos diagnósticos de transtornos mentais e no agravamento de casos já existentes. Embora não haja o contágio direto pelo Covid-19, por estar inserido em um cenário de crise sanitária, pode-se vivenciar sentimentos de ansiedade, medo, insegurança, culpa por alguma possível contaminação, entre outros aspectos (NABUCO, et al., 2020).

No caso dos profissionais de saúde, há diversas repercussões psicológicas pela frequente ameaça de contágio e exposição a um contexto de mortes causadas pelo Covid-19, apresentando de forma latente o medo de contaminação e de transmissão para pessoas do convívio (TEIXEIRA, et al., 2020). Diante disso, existe a possibilidade de o sujeito paralisar frente ao cenário de mortes, sendo assim, destaca-se a importância de recursos que movimentem, de certa forma, seu psiquismo para que o profissional possa sustentar sua escolha relacionada ao contribuir com sua profissão no enfrentamento ao Covid-19 (DROGUETT, 2020). Portanto, esse processo se apoia no uso de estratégias que funcionam como suporte para a atuação em situação pandêmica.

De acordo com a Psicanálise, os arranjos subjetivos se relacionam com a sustentação de desejo que possibilita o seguimento da prática profissional, não por uma via de exercer as atividades cedendo aos imperativos impostos, porém de acolher as diversas angústias vivenciadas nesse percurso que demandam tempo de elaboração.

Dessa forma, vale ressaltar que esse movimento alinhado ao desejo de desempenhar a profissão não está isento de angústia e a prática psicanalítica não recua ao que se apresenta como insuportável e traumatizante no sujeito. Nesse sentido, trabalha-se em direção ao acolhimento de angústias, possibilitando a elaboração de novas posições frente à vida que promovam saúde (DROGUETT, 2020).

A construção de um modelo de saúde que se distancia da discussão sobre o processo de morrer, reforça a narrativa do poder de salvar vidas. Essa concepção centraliza o saber na medicina e dificulta o diálogo entre as diferentes áreas da saúde que estão implicadas no processo do cuidar (BORGES; MENDES, 2012). Ademais, esse modelo não se encontra em concordância com a realidade, sendo considerado ultrapassado de acordo com a compreensão da importância de trabalhar em rede com as diversas especificidades de saúde.

Evitar a discussão sobre a morte mantém a temática como um tabu e se torna uma dificuldade para a preparação do enfrentamento de contexto que traz mortes cotidianas como realidade. Uma preparação baseada na dimensão profissional de salvar vidas, tendo como enfoque apenas a prevenção e cura corrobora a prática de um modelo de formação voltado a uma assistência tecnicista. Assim, esse modelo restringe a capacitação dos profissionais somente à aplicação de técnicas e não favorece reflexões sobre as limitações e as perdas encontradas no âmbito de trabalho, impossibilitando o acolhimento e diálogo como recursos que fortalecem o processo do cuidar, principalmente perante a morte (BORGES; MENDES, 2012).

Sendo assim, embora haja o progresso da medicina com novas tecnologias para diagnósticos e tratamentos, não há como impedir o adoecimento e a morte, além disso, a preservação da vida não necessariamente acompanha qualidade no viver. Desse modo, de todas as formas o debate sobre a morte durante formação se coloca como fundamental para uma prática no âmbito da saúde (BORGES; MENDES, 2012).

É relevante enfatizar que a lógica contemporânea atravessa o processo de formação, instituindo imperativos que englobam a atuação no âmbito da saúde. Desse modo, os profissionais de saúde podem se fixar no campo ideal, não conseguindo se desfazer de versões idealizadas e, por conseguinte, dificultando a expressão da singularidade na sua atuação.

Dessa maneira, é importante elaborar uma separação entre o sujeito e os imperativos para que seja possível o encontro com o próprio desejo, ou seja, na maneira que cada profissional de saúde se enlaça na atuação que escolheu realizar, explorando possibilidades que englobam o saber-fazer saúde durante a pandemia. Nesse sentido, o trabalho guiado pela Psicanálise contrapõe a lógica contemporânea, marcada por uma busca constante por respostas, e caminha, de maneira atenta às interrupções, vazios, silêncios, para a elaboração de perguntas com o intuito de ampliar o espaço de invenção articulado ao saber inconsciente, possibilitando o sujeito colocar seu traço singular na vida (KON, 1996 *apud* KAMINSKI, 2010).

A partir disso, destaca-se a necessidade do debate sobre a finitude da vida para romper idealizações que envolvem o saber-fazer saúde, desmistificando ideais que reforçam o modelo

de cuidar pautado na negação da morte (BORGES; MENDES, 2012). Sendo importante escutar as expectativas, preocupações, medos dos futuros profissionais, promovendo um espaço de acolhimento que favoreça a construção de novas narrativas que englobam a atuação profissional de maneira ética e responsável.

### **3 METODOLOGIA**

A situação pandêmica causada pelo Covid-19 pode ser considerada um marco histórico, visto que ao falar sobre a vida estabelece uma divisão entre o antes e o durante a pandemia. À vista disso, a Psicanálise contribui pela sua especificidade de acolher as demandas que surgem no decorrer da história (COLAO, et al., 2020). Portanto, a prática psicanalítica trabalha em direção ao enlaçamento do simbólico, à elaboração de sofrimento e à sustentação de vínculos como possibilidades para a promoção de saúde e subjetivação (CARNEIRO, et al., 2020).

Partindo dessa perspectiva, o artigo se configura como relato de pesquisa e objetiva analisar as repercussões psicológicas em profissionais da saúde no contexto de morte causada pelo Covid-19 e os significantes que atravessam essa experiência, destacando os sentidos construídos no deslizamento metonímico. Para isso, se discute sobre a morte através da perspectiva psicanalítica e os impactos de atuar como profissional da saúde em situação pandêmica.

Sendo assim, trata-se de uma pesquisa de campo, de base qualitativa, orientada sob o referencial psicanalítico de análise de discurso. Os profissionais do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), situado em João Pessoa – Paraíba, foram convidados a contribuir com a pesquisa de forma virtual através de formulário eletrônico (apêndice), participando conforme seu interesse e disponibilidade.

A referente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (CEP/UEPB-CAAE: 42830620.2.0000.5187), considerando-se os procedimentos éticos para a realização de pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Ademais, seguiu-se as recomendações propostas para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual de acordo com o Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS (BRASIL, 2021).

Desse modo, 17 profissionais das diversas especificidades de saúde participaram da pesquisa através do formulário desenvolvido por meio da plataforma do Google. O formulário continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que possibilitava o acesso ao questionário referente à pesquisa, permitindo o profissional de saúde responder as perguntas de forma livre.

Inicialmente, o formulário apresentou questões que integram o perfil do participante (faixa etária, gênero, formação escolar e profissão). Após essas perguntas, foram lançadas 7 questões que abordam temas sobre a escolha profissional, as mudanças vivenciadas em função da pandemia, a preparação acadêmica para lidar com a morte e o uso de estratégias para enfrentamento da nova rotina laboral. A partir da coleta de dados, foi realizada a análise do discurso à luz da Psicanálise que se atenta a repetição significativa presente nas respostas dos profissionais.

A decisão metodológica de utilizar a Análise de Discurso em articulação com a Psicanálise, justifica-se através do objeto de estudo que esses saberes coincidem: o discurso (TFOUNI, 2005). Nesse sentido, os relatos foram analisados na direção de capturar as repetições de significantes para a construção de discussões acerca do enfrentamento da pandemia em um cenário de mortes. Vale salientar que o trabalho realça a singularidade de cada profissional e realiza reflexões sem a finalidade de universalizar os resultados, privilegiando uma articulação com o saber inconsciente.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados foram obtidos através da participação de 17 profissionais das diversas especificidades do campo da saúde (Fisioterapia, Fonoaudiologia, Enfermagem, Psicologia, Medicina, Farmácia), tendo como predominância o gênero feminino na participação (15 profissionais). A maioria dos participantes associou a escolha da profissão a partir da concepção de saúde relacionada ao cuidado, tendo como repetição de significantes “*cuidar*”, “*ajudar*”. Desse modo, vale ressaltar que a decisão pela formação no campo da saúde está vinculada diretamente com a história de vida de cada sujeito, tal fato pode ser observado através da seguinte afirmação encontrada na pesquisa: “*Experiências pessoais na infância com pessoas com problemas de saúde graves na minha família me fizeram querer ajudar o próximo nesse sentido*” (Participante 1).

Sendo assim, torna-se necessário refletir sobre as diversas implicações contidas no atuar como profissional de saúde com a disseminação do novo coronavírus. Nesse sentido, diversas mudanças ocorreram na rotina dos profissionais de saúde inseridos nos hospitais, uma vez que suas práticas são fundamentais para a recuperação de pacientes e, conseqüentemente, para o controle dos impactos causados pela pandemia. Dessa forma, os profissionais que assumiram esse compromisso vivenciaram um período devastador que evidencia a iminência da morte através da alta taxa de ocupação de leitos e, conseqüentemente, elevada quantidade de mortes diárias por Covid-19.

Dentre as mudanças destacadas pelos participantes da pesquisa, foi possível enfatizar de forma mais latente o medo pelo desconhecido, da morte e da possível contaminação de pessoas queridas. Outro aspecto relatado é a sobrecarga e a tensão no trabalho que remetem a esse contexto de incertezas, reforçando a necessidade de se atentar aos protocolos de proteção e diminuir a socialização para evitar possíveis transmissões.

Os participantes compartilharam como foi lidar com a morte de pacientes e destacaram sentimentos de medo, abalo, tristeza, dificuldade e impotência diante da situação, demonstrando instabilidade emocional. Diante disso, torna-se possível constatar os impactos psicológicos que os profissionais sofrem a partir dessa rotina de trabalho, na qual manifesta a ameaça contínua da morte, trazendo avisos sobre a finitude da vida.

Essa questão pode ser enfatizada através da resposta de um participante sobre as mudanças que vivenciou por ser profissional de saúde durante a pandemia: “*No início: ter que saber trabalhar com medo do desconhecido; posteriormente: aprender a valorizar cada dia de vida*” (Participante 2). A morte do outro sinaliza a própria finitude do sujeito que presencia essa situação, podendo ocasionar uma instabilidade emocional como observado nos relatos dos participantes que expressaram sentimentos de medo e insegurança. Em contrapartida, através do reconhecimento da transitoriedade da vida, que gera determinado mal-estar, o sujeito pode explorar novas possibilidades de vivências e valorizar sua existência no mundo e de pessoas amadas, ou seja, possibilita se questionar sobre a escassez do tempo e ser afetado com aquilo que se vive (FREUD, 1916).

Nesse sentido, se vivencia uma angústia relacionada à morte que, embora seja negada, é um fato inevitável e apresenta limites às possibilidades de vida como reconhecido no relato de uma profissional: “*Pode ser angustiante quando ocorre com frequência como no ambiente de UTI, no entanto, necessário aceitar que todos os recursos, inclusive humanos, têm um limite diante da morte inevitável*” (Participante 3).

Ademais, por estarem imersos em uma rotina de trabalho que revela a iminência da morte, uma alternativa de se distanciar desse mal-estar, considerada como mecanismo de defesa, pode ser a mudança de perspectiva ao interpretar as vidas perdidas como números. O profissional de saúde ao presenciar tantas perdas tenta se habituar a essa nova realidade como uma saída para não encarar o incômodo que a morte pode gerar em sua subjetividade. Esse fato é indicado em uma das falas de participante da pesquisa: “*Inicialmente ver tantas pessoas morrendo foi um choque, mas depois se ‘acostumou’*” (Participante 4).

O enfrentamento o Covid-19 em muitas cidades do Brasil foi caracterizado pelo descumprimento das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela falta de

insumos e leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTIs), causando o aumento de mortes. Diante desse contexto, cabe evidenciar que as falhas governamentais no desenvolvimento de medidas e ações para o enfrentamento da pandemia causaram impactos no cenário laboral dos profissionais de saúde, uma vez que potencializaram o agravamento da pandemia, ocasionando sobrecarga. Sendo assim, torna-se possível identificar efeitos nocivos para o profissional de saúde perante o contexto de morte potencializado pelo Covid-19 como no seguinte relato: *“Aumento da carga de trabalho e medo da contaminação, da morte e da transmissão do covid”* (Participante 5).

A vacinação tem sido considerada a alternativa mais eficaz para a contenção da disseminação do vírus. Entretanto, destaca-se o atraso do governo federal na compra de vacinas e, conforme o epidemiologista e pesquisador Pedro Hallal, estima-se que 95,5 mil mortes poderiam ter sido evitadas no Brasil (PEREIRA, 2021). Esse fator é considerado relevante porque a lentidão na campanha de vacinação demonstra o descompromisso na busca por soluções efetivas para o cenário de emergência sanitária, podendo acentuar o sofrimento dos profissionais que estão implicados nessa rotina. Assim, diante da pergunta de como lida com a morte em atividade laboral durante a pandemia, um profissional enfatiza essa negligência: *“Com dificuldade. Pensando sempre que poderia ser diferente caso já tivesse vacinas disponíveis na época”* (Participante 6).

No que diz respeito às estratégias elaboradas pelos profissionais de saúde para enfrentar esse período tão crítico no âmbito laboral, vale ressaltar que uma grande parcela dos participantes encontrou apoio em recursos de proteção, enfatizando a importância do uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) e do reforço na higienização antes e após o turno de trabalho. Como destacado no seguinte relato: *“Sempre estar com álcool em mãos, em planejar o que irei precisar antes do atendimento, usar jaleco e EPIs como máscara e óculos”* (Participante 7). Por conseguinte, o uso de objetos de proteção demonstrou fortalecer a segurança diante de um contexto de vulnerabilidade por estar em contato direto com pacientes acometidos pelo Covid-19.

Outra questão apresentada como suporte para lidar com a morte do outro foi a espiritualidade e religião, como, por exemplo, nesse relato: *“Acredito que há algo maior, no plano Divino. Choro, seguro na mão do paciente na hora da morte e rezo”* (Participante 8). Sendo assim, as crenças particulares influenciam diretamente como o profissional de saúde pode interpretar e agir perante os acontecimentos que causam angústia, sendo uma alternativa para encontrar respostas diante de tantas incertezas que a morte provoca e determinado consolo para situação.

A espiritualidade e o fortalecimento da rede de apoio são fatores relevantes na produção de sustentação emocional, como destacado nos seguintes trechos:

*“Busquei fortalecer minha imunidade, minha saúde mental e minha espiritualidade, acreditando que esse momento não será eterno e absorvendo o aspecto positivo que é o grande aprendizado”* (Participante 1) / *“Um dia de cada vez. Tentar manter a calma. Ficar com a família o máximo de tempo possível e fazer o melhor como fisioterapeuta”* (Participante 9).

Vale ressaltar o movimento de alguns profissionais em destacar a transitoriedade do período de pandemia como uma estratégia para encarar a rotina laboral. Essa reflexão sinaliza a tentativa constante de encontrar respostas para aliviar o sentimento de desamparo causado pelo contexto de morte vivenciado no âmbito de trabalho. A transitoriedade da pandemia ao mesmo tempo que se apresenta como uma estratégia, uma resposta que traz apoio frente à um momento tão difícil, também provoca o reconhecimento da fragilidade humana e promove indícios do inevitável encontro com a morte. Como destaca (SILVA, 2007): *“A morte, como traço último de tudo que se vive, se antecede, na marca transitória que há em todos os elementos marcados por vida”*.

Sendo assim, a transitoriedade dos processos de existência produz certo alívio para enfrentar determinadas fases difíceis da vida, mas também destaca a brevidade de todas as vivências que se opõe à exigência de imortalidade, formando um paradoxo que circunda o existir (FREUD, 1916). Nesse sentido, a questão de viver em direção à morte evidencia a complexidade da existência humana, pois essa trajetória pode ser composta por diversas fases e envolve variadas incertezas, mas já tem seu fim conhecido. Entretanto, é justamente esse fato que é constantemente reprimido por carregar um conteúdo angustiante ao revelar a vulnerabilidade humana.

O modo como o sujeito lida com o contexto de morte causado pelo Covid-19 depende dos seus arranjos subjetivos, uma vez que possibilitam invenções e novas maneiras de ser profissional de saúde. Dessa forma, o sujeito se reinventa através de estratégias de acordo com suas possibilidades e limitações, destacando a singularidade dessa experiência. Diante disso, a morte se faz presente, provocando possibilidades de invenção e a Psicanálise, de alguma maneira, aproxima-se da atividade artística no sentido de trabalhar com o caráter criativo, sempre no nível da invenção relacionada ao que se pode fazer durante esse intervalo de tempo definido como finitude (KAMINSKI, 2010).

Dessa forma, é possível identificar alguns aspectos em comum nos discursos dos profissionais de saúde, entretanto é importante salientar que a experiência relacionada ao ser

profissional de saúde atuante no enfrentamento da pandemia é particular, sendo possível observar diferentes arranjos subjetivos para vivenciar esse período.

Nesse sentido, nos seguintes trechos:

*“Passei a me aprofundar mais nos conteúdos relacionados a doença e a procurar descansar e ter momentos de lazer fora do trabalho” (Participante 3). / “Penso que irá passar, mesmo sem saber o prazo. Procuo estudar. Procuo ter momentos de lazer com a família. Procuo não focar na pandemia. Assisto poucos os jornais. Vivo um dia por vez.” (Participante 8).*

Através desses dois relatos, além de evidenciar a importância do período de descanso e distrações, torna-se possível observar traços que demarcam diferenças no desenvolvimento de estratégias, visto que um pontuou como estratégia o aprofundamento das questões voltadas ao Covid-19, enquanto no outro relato uma saída tem sido justamente o oposto, não investir tanta energia em conteúdos que abrangem a doença.

Conforme os relatos dos profissionais de saúde, torna-se nítida a oscilação emocional para lidar com um cenário de mortes constantes. Por conseguinte, também se apresentou como estratégia a ajuda psicológica, como foi relatado por um profissional: *“Apoio psicológico para conseguir levar adiante e encarar o triste cenário de UTP” (Participante 10)*. Dessa maneira, torna-se fundamental discutir a importância do suporte psicológico como recurso para acolher o sofrimento psíquico devido a essa nova realidade de trabalho e contribuir com o enfrentamento da pandemia.

Um relato de uma profissional fomenta diversas reflexões que abrangem a questão da ajuda psicológica:

*“Cheguei a procurar, mas não iniciei. Estava sem comer direito, sono fragmentado e queria chorar e não conseguia. Me sinto sem poder ficar fragilizada neste momento, pois preciso continuar colaborando com a profissão que escolhi e amo. Terá o momento do choro!” (Participante 8).*

Através dessa descrição, alguns aspectos podem ser abordados, como a impossibilidade de chorar e expressar fragilidade, na tentativa de manter um desempenho laboral. Diante de um cenário de mortes, é possível ser forte o tempo todo? Além disso, é necessário? O que se entende como ser um bom profissional de saúde? São questionamentos necessários que apontam para discussões importantes acerca da atuação profissional e formação acadêmica.

Vale ressaltar os ideais e imperativos que circulam o saber/fazer saúde atrelados às exigências que, muitas vezes, se afastam do campo das possibilidades. Um participante ao ser questionado sobre a motivação da sua escolha em ser profissional de saúde respondeu: *“aprender a salvar vidas”*. Por meio dessa afirmação é necessário estabelecer uma discussão

sobre de que se trata “salvar vidas” e se questionar sobre essa perspectiva no âmbito da saúde, de como essa concepção pode influenciar na sobrecarga e cobrança para desempenhar o trabalho, visto que o cuidado se centraliza nas ações do profissional.

Essa questão também pode ser abordada através de algumas respostas que demonstraram um discurso sobre oferecer o melhor na prática de trabalho, podendo reforçar a sobrecarga em exigir mais do que se pode fazer em um ambiente onde a ameaça de morte é frequente. Como nas descrições:

*“A missão de lutar e enfrentar a morte é um trabalho penoso e estressante, mas temos que dar o melhor em um paciente em fase terminal.”* (Participante 11). / *“Não acho que somos preparados para isso. O que conforta é saber que sempre dou o meu melhor”* (Participante 12).

É evidente que haverá responsabilidades em relação à função do profissional de saúde, ele deve cumprir com suas atividades, auxiliando no processo de recuperação dos pacientes. Entretanto, devem ser consideradas as condições desse trabalho, os subsídios necessários para sua atuação, o apoio de uma equipe composta por diversas áreas de saberes que envolvem a saúde, além das condições do paciente para a recuperação do Covid-19.

Sendo assim, é um conjunto de fatores que possibilita esse processo de “salvar” vidas e esse fato pode se articular, em termos psicanalíticos, à lei de castração como marca fundamental para a constituição de sujeitos do desejo (TOREZAN & AGUIAR, 2011). Dessa maneira, o reconhecimento da falta produz uma perda de narcisismo e um alívio em poder perder, em não ser o único responsável pela vida do paciente, em não centrar a recuperação do sujeito apenas na sua atuação teórica e prática.

É importante destacar o compromisso e a contribuição dos profissionais de saúde como fundamentais para o enfrentar o Covid-19, porém o combate a pandemia não se resume só a isso, é da ordem do coletivo. Assim, as mortes não devem ser interpretadas como um fracasso laboral, já que além de ser um fato inevitável, há um conjunto de aspectos que influenciam esse episódio, como, por exemplo, a falta de oxigênio, vacina, equipamentos, leitos de UTI, conscientização, medidas de proteção, entre outros.

Outro aspecto que se apresentou como estratégia foi a prática do descanso e do lazer, sendo possível articular esse espaço intervalar à representação da falta, castração, que possibilita a manifestação do sujeito desejante (KAMINSKI, 2010). Sendo assim, enfatiza-se a importância de realizar atividades atreladas ao gosto particular de cada profissional e de investir tempo em momentos de repouso, pausas diante de um cenário de trabalho que é caracterizado, pelos próprios participantes, pela tensão, medo e sobrecarga.

De acordo com a Psicanálise, o enfrentamento do sofrimento psíquico implica em uma determinada dose de frustração, mal-estar relacionado à falta que permite o sujeito sustentar seu desejo e realizar releituras da vida por meio de sua singularidade (QUINTELLA, 2012). Nesse sentido, segundo Freud, a saúde mental está relacionada a possibilidade de amar e trabalhar (“*Lieben und arbeiten*”), ou seja, quando o sujeito se sente pertencente ao que se vive e percebe que sua existência movimenta o mundo.

Apesar das dificuldades e limitações encontradas por trabalhar em um contexto tão difícil, alguns discursos demonstram esse movimento: “*Me trouxe uma satisfação muito grande em poder contribuir de alguma maneira nessa crise sanitária global.*” (Participante 1) / “*Tive muito aprendizado científico e emocional*”. (Participante 9). Desse modo, a discussão sobre esse aspecto não busca uma romantização do cenário pandêmico, e sim caminha por uma via de reflexão sobre as invenções que possibilitam o sujeito ser afetado e aprender com o que se vive, se implicando nos processos e crises que vivencia.

Sendo assim, enfatiza-se a importância de o profissional de saúde encontrar recursos durante o seu percurso que possibilitem a sustentação da sua escolha, ou seja, enquanto o sujeito exerce sua atividade laboral que ele possa contar com a ajuda psicológica, intervalos, pausas, choros, e o uso de diversas outras estratégias. Desse modo, ofertando meios que auxiliem os profissionais de saúde no enfrentamento da rotina laboral em situação pandêmica e acompanhando, de alguma maneira, o sujeito no sofrimento que atravessa.

Vale salientar que na pesquisa apenas um profissional considerou que vivenciou uma boa formação acadêmica no que diz respeito à preparação para lidar com a temática da morte. Sendo assim, foi evidente a insatisfação da maioria dos participantes em relação a esse quesito como nos seguintes relatos:

*“Escassa”* (Participante 10) / *“Frac. Mas ciente que é impossível se sentir preparado sem lidar com a morte no dia a dia, aula é diferente de realidade”* (Participante 2) / *“Não temos preparação acadêmica para lidar com a morte. Faço isso por meio da fé!”* (Participante 7) / *“Muito aquém do que deveria. O preparo para vivenciar tais situações veio no decorrer dos anos como profissional formada.”* (Participante 1).

Desse modo, os participantes relatam um descontentamento referente à vivência acadêmica, porém demonstrando algumas saídas para vivenciar uma rotina de trabalho com perdas contínuas através da espiritualidade, experiência laboral, dentre outras possibilidades de elaboração.

É importante enfatizar como já exposto por alguns participantes que não há preparação para lidar com a morte, isso pode ser fundamentado através da afirmação de Freud (1913) que não há inscrição psíquica para morte no inconsciente. Entretanto, é possível fomentar espaços

de discussão e acolhimento sobre a temática, buscando abordar esse conteúdo com mais responsabilidade e rompendo censuras que corroboram para a morte ser mantida como um tabu na sociedade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O enfrentamento da pandemia no Brasil foi caracterizado por negligências que repercutiram diretamente no cenário laboral dos profissionais de saúde devido à alta ocupação de leitos hospitalares. Nesse sentido, a pesquisa discute as implicações subjetivas apontadas por profissionais de saúde no que diz respeito à atuação profissional em situação pandêmica causada pelo Covid-19. Diante do aumento de mortes, a instabilidade emocional se apresenta de forma frequente nos relatos dos profissionais, destacando diversas mudanças na rotina de trabalho.

O artigo orientado pela ética da Psicanálise, que acolhe o sofrimento e explora possibilidades de invenção, articula os arranjos subjetivos com a relação do sujeito com o próprio desejo de atuar como profissional de saúde, aquilo que produz sustentação para seguir contribuindo com sua profissão, apesar das dificuldades ocasionadas pelo contexto pandêmico.

Sendo assim, o estudo sinaliza a importância do uso de estratégias particulares para o enfrentamento da nova rotina laboral como o apoio nos equipamentos de proteção, o fortalecimento da rede de apoio, a ajuda psicológica, a espiritualidade, o lazer, entre outros aspectos que funcionaram como sustentação emocional para encarar a realidade de trabalho marcada por constantes mortes.

No que diz respeito à preparação para lidar com a morte, a pesquisa enfatiza as barreiras no âmbito de formação acadêmica para trabalhar em contexto de morte. Assim, as discussões realizadas por meio da pesquisa, visam explorar possibilidades de romper com as censuras que permeiam a temática da morte, fomentando a construção de debates éticos que acolham idealizações, fantasias, medos, anseios, com o intuito de produzir uma formação menos idealizada, ou seja, mais próxima as realidades encontradas no âmbito laboral.

Por conseguinte, este estudo abriu um espaço de discussão por meio da experiência dos participantes, muitos dos quais expressaram seus medos e angústias sobre sua atuação em situação pandêmica, possibilitando reflexões sobre o ‘cuidar’ e ‘ajudar’ na perspectiva de analisar esses significantes. Vale salientar que os significantes apresentados nos discursos são atravessados pelas histórias dos participantes, assumindo um lugar singular na atuação de cada profissional. Dessa forma, destaca-se a importância das discussões realizadas sobre o saber-fazer saúde com o objetivo de analisar o que se expressa como desejo de atuação profissional e

as idealizações vinculadas a esse desejo.

É importante enfatizar que as discussões produzidas não buscam generalizar os resultados, porém lançar provocações acerca da temática, questionando imperativos, discursos pautados em afirmações que, de alguma forma, não funcionam com a realidade. Assim, possibilitando a realização de perguntas, o acolhimento as surpresas encontradas na nova rotina de trabalho que, muitas vezes, causam angústia.

Desse modo, este trabalho desenvolveu reflexões psicanalíticas que são relevantes para a elaboração de alternativas de suporte psicológico para profissionais de saúde frente à morte em seu contexto laboral. Ademais, o artigo não propõe finalizar discussões através das conclusões produzidas, visto que este estudo não se limita às reflexões realizadas, mas se direciona em fomentar novas pesquisas para a promoção de saúde e subjetivação de profissionais que lidam com a morte em sua atividade laboral. Sendo assim, contribui na produção de trabalhos no campo da saúde mental ao evidenciar a importância de apoio psicológico para profissionais que vivenciam o sofrimento psíquico, favorecendo a elaboração e articulação de novas práticas no âmbito de saúde.

Por conseguinte, os profissionais de saúde, que desempenham uma função fundamental no tratamento dos pacientes acometidos pelo novo coronavírus, também demandam de cuidado. Diante disso, a pesquisa estimula a elaboração de serviços que ofertem espaços de escuta e acolhimento para que os participantes, como outros profissionais afetados por essa problemática, tenham recursos de suporte psicológico disponíveis e possam reconstruir os impactos da pandemia na sua subjetividade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. **A pandemia e o senso de coletividade**. Disponível em:

<<https://diplomatie.org.br/a-pandemia-e-o-senso-de-coletividade/>> Acesso em: 30 de agosto, 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**.

Brasília, DF, 2012. Recuperado de

<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>.

BORGES, M. S.; MENDES, N. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem (Impresso)**, v. 65, p. 324-331, 2012.

CARNEIRO, E. M.; MORI, J. S. M.; JORDY, K. S.; ALMEIDA, M. M.; SILVEIRA, S.; PUGLIESI, M. Potência e desafios: clínica psicanalítica online na saúde pública em pandemia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 2020.

COLAO, M. M.; POKORSKI, M. M. W. F.; FOCHESSATTO, W. P. F.; RABUSKE, A. S.; Psicanálise ampliada: possibilidades na pandemia. **Revista Estudos de Psicanálise**, n. 54, Belo Horizonte, jul./dez. 2020.

DASTUR, F. **A morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DROGUETT, J. Sobre o mal-estar na pandemia: o papel da Psicanálise em tempos de coronavírus. **Revista do centro de estudos em semiótica e psicanálise**, v. 12, n. 1, 2020.

FREUD, S (1916). Sobre a transitoriedade. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, v. 14, p. 345-348. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Totem e tabu. [1913]. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**, v. 13, p. 13-191. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Folha informativa – Covid-19** (doença causada pelo novo coronavírus). Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 2020.

Disponível em:

<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875)>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – Fiocruz. **Glossário de acesso aberto**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-alerta-para-intensificacao-da-pandemia>>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

KAMINSKI, A. L. Ressonâncias entre psicanálise e arte: intervalos, desmontagens e rearticulações. **Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 4, n. 2, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020. Disponível em:<<https://coronavirus.saude.gov.br>> Acesso em: 27 de agosto de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. (2021). **Ofício Circular Nº 2/2021**. Brasília. [http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf).

NABUCO, G.; OLIVEIRA, M. H. P. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental. **Revista Brasileira de Medicina da Família e Comunidade**, v. 15, p. 2532, 2020.

PEREIRA, T. Atraso nas vacinas causou 95,5 mil mortes evitáveis, afirma pesquisador na CPI. **Rede Brasil Atual**. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/08/oms-alerta-variante-delta-ameaca-resultados-da-vacinacao-contr-a-covid/>>. Acesso em: 6 de setembro, 2021.

QUINTELLA, R. R. Considerações Psicanalíticas sobre o existir no mal-estar contemporâneo. **Cadernos de Psicanálise** (Círculo Psicanalítico/RJ), v. 34, n.27, p. 83-103, 2012.

RAFAEL, R. M. R.; NETO, M.; CARVALHO, M. M. B.; DAVID, H. M. S. L.; ACIOLI, S.; FARIA, M. G. A. Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de Covid-19: o que esperar no Brasil?. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, p. e49570, 2020.

SABOYA, F; Coelho dos Santos, T.; MOREIRA, M. I. R.; Castro, M. G. S. R. Psicanálise aplicada ao contexto hospitalar: intervenções em tempo de pandemia Covid-19. **ASEPHALLUS (ONLINE)**, v. 15, n.29, p. 92-102, 2020.

SILVA, J. S. O. **O enigma da morte em Machado de Assis**. 1. Ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, v. 1. 288p.

SOUZA, P. M. A psicanálise, o novo coronavírus e as urgências. **CORREIO DA APPOA**, v. 297, p. 1, 2020.

TEIXEIRA, C. F. S; SOARES, C. M.; SOUZA, E. A.; LISBOA, E. S.; PINTO, I. C. M.; ANDRADE, L. R.; ESPIRIDIÃO, M. A. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3465-3474, 2020.

TFOUNI, L. V.; LAUREANO, M. M. M. Entre a análise do discurso e a psicanálise, a verdade do sujeito. **Investigações**, Recife, v. 18, p. 131-147, 2005.

TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal- Estar e Subjetividade (Impresso)**, v. 2, p. 525-554, 2011.

#### **APÊNDICE A - Questões inseridas no formulário eletrônico**

- Faixa etária
- Gênero
- Formação escolar
- Profissão

- 1- O que te levou a escolher uma profissão na área de saúde?
- 2- Quanto tempo trabalha na saúde?
- 3- O que mudou na sua vida por ser profissional de saúde em função da pandemia?
- 4- Como você avalia sua preparação acadêmica para lidar com a morte?
- 5- Como lida com a morte em atividade laboral durante a pandemia?
- 6- Quais estratégias criou para lidar com uma nova rotina de trabalho?
- 7- Demandou ajuda psicológica nesse contexto, em função de quê?

#### **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo seu infinito amor e imenso cuidado presentes em meu caminho. A conclusão desta etapa foi possível graças a Ele.

À minha grande parceira, incentivadora dos meus sonhos que acompanhou minha trajetória acadêmica com diversas demonstrações de amor, minha mãe Ana Paula.

Ao meu pai Pedro Marçal, pela confiança, companheirismo e constantes palavras de incentivo.

Aos meus irmãos Pedro e Paulo, pelo apoio, investimento e lealdade.

À toda minha família, em especial às minhas cunhadas Yasmin e Beatriz.

À Maria Eulália, minha namorada, pelo suporte e paciência.

À orientadora Jailma Belarmino Souto pela constante aposta em minha formação, parceria em projetos, orientação e transmissão com a Psicanálise através de suas aulas e supervisões.

Às companheiras da universidade: Maria Aparecida, Débora, Stéphanie, Larissa, Yasmin, Bárbara e Ana Beatriz, que foram uma rede de apoio durante minha trajetória acadêmica.

Aos professores e profissionais que cruzaram minha formação, contribuindo com diversos ensinamentos ao longo de toda a graduação.

Aos companheiros de extensão, estágio e intercâmbio universitário, encontros preciosos que a universidade proporcionou na minha vida.

À Universidade Estadual da Paraíba que me acolheu, ampliou muitas oportunidades em meu percurso e possibilitou tantas experiências inesquecíveis.

Para concluir, expresso minha gratidão a todos amigos que me incentivaram direta ou indiretamente para minha formação pessoal e profissional e conclusão desta etapa.